

Manuela Parreira da Silva

REALIDADE E FICÇÃO

para uma biografia epistolar
de Fernando Pessoa

ASSÍRIO & ALVIM

O esvaziamento de que *Contemporânea* começa a dar sinal cria, de certa forma, um espaço para uma nova publicação, co-dirigida precisamente por um homem que, para além de grande amigo de José Pacheco, é também director artístico da sua revista (daí tê-lo substituído). A circunstância de Rui de Moraes Vaz ser pintor, permite-lhe assegurar à nova publicação um rosto e um grafismo de qualidade, ocupando-se Fernando Pessoa da parte literária.

[...]

O projecto de Athena parece emergir de uma saudade e de um desencanto: saudade de *Orpheu*, desencanto de *Contemporânea* (que, de qualquer modo, embora não lhe pertencendo, sempre concedeu um espaço privilegiado a Pessoa). Numa entrevista concedida ao *Diário de Lisboa*, em 3 de Novembro de 1924, o Poeta (apresentado pelo jornalista como “artista original e interessante que rapidamente se distinguiu dentre a multidão de escritores da sua geração”) responde à pergunta “A que veio a Athena?”, com estas significativas palavras:

“Dar ao público português, tanto quanto possível, uma revista puramente de arte, isto é, nem de ocasião e início como o *Orpheu*, nem quase de pura decoração, como a admirável *Contemporânea*.”

Como se vê, Pessoa situa a nova revista relativamente a dois pontos de referência muito concretos. Athena pretende afirmar-se contra o vanguardismo de *Orpheu* e contra a falta de consistência teórica e reflexiva de *Contemporânea*. Por isso se dirige a um público que “não há”.

Pessoa tenta explicar, na sua entrevista, em que consiste uma “revista puramente de arte”:

“Há três públicos – um que vê, outro que lê, outro que não há. O primeiro é composto da maioria, o segundo da minoria, o terceiro de indivíduos. O primeiro quer ver, o segundo quer conhecer, o terceiro quer compreender.”

Manuela Parreira da Silva, *Realidade e Ficção – para uma biografia epistolar de Fernando Pessoa*, Lisboa, Assírio & Alvim, pp. 350-351.